

## Prática de esporte de aventura e risco no espaço natural da região de Muriaé (MG)

**Emiliana Silva Carneiro**<sup>1</sup>, emiliananailime@hotmail.com; **Guilherme Tucher**<sup>2</sup>; **Jairo Antônio da Paixão**<sup>3</sup>

1. Acadêmica do sétimo período do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Minas, Muriaé, MG;
2. Mestre em ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro; professor na Faculdade de Minas, Muriaé, MG;
3. Doutor em Ciência do Desporto pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto D´ouro, Portugal; professor na Faculdade de Minas, Muriaé, MG.

Artigo protocolado em 20 fev. 2012 e aprovado em 23 mar. 2012.

**RESUMO:** O estudo analisou áreas naturais na região de Muriaé (MG), e a forma como são utilizadas para a prática de esporte de aventura. A partir do método observacional foi possível apreender com a pesquisa que a prática de esportes de aventura, com ênfase para o rapel, *boulder*, parapente, *trekking* e escalada ainda se encontra isenta da obtenção de lucro pelas pessoas. Provavelmente, este fato se deve por se tratar de uma região que, ainda, não foi descoberta por praticantes e empresas que atuam nesse ramo de entretenimento, levando em consideração a proximidade das áreas pesquisadas com a cidade. Outro fator observado foi a ausência de esforços por parte de entidades da região em empreender o turismo ecológico nessas regiões, bem como a prática das modalidades de esporte de aventura que o relevo local proporciona.

**Palavras-chave:** esporte de aventura, meio natural, Muriaé.

**RESUMEN:** La práctica de deportes de aventura y riesgo en la región natural de Muriaé (MG). El estudio analizó las áreas naturales en la región de Muriaé, MG, y la forma en que se utilizan para practicar deportes de aventura. Desde el método de observación fue posible identificar con la investigación que la práctica de deportes de aventura, con énfasis en rappel, boulder, parapente, trekking y escalada siguen exentas de ánimo de lucro por el pueblo. Probablemente esto se debe porque es una región que aún no ha sido descubierto por los profesionales y empresas que operan en el negocio del entretenimiento, teniendo en cuenta la proximidad de las áreas investigadas con la ciudad. Otro factor observado fue la ausencia de esfuerzos por parte de entidades de la región para llevar a cabo el eco-turismo en estas regiones, así como las disposiciones prácticas para el deporte de aventura que proporciona un alivio local.

**Palabras llaves:** deportes de aventura, médio ambiente, Muriaé.

**ABSTRACT:** Practice of adventure and risk sports in the natural region of Muriaé (MG). This study Aimed to analyze natural areas in the region of Muriaé, MG, and how they are used to practice adventure sports. From the observational method it was possible to identify with the research that the practice of adventure sports, with emphasis on rappelling, bouldering, paragliding, trekking and climbing are still exempted from profit-making by the people. Probably this is due it is a region that still has not been discovered by practitioners and companies operating in the entertainment business, taking into consideration the proximity of the surveyed areas with the city. Another factor that was observed is the lack of efforts by entities of the region

to undertake eco-tourism in these regions, as well as the practical arrangements for the adventure sport that Provides spot relief.

**Keywords:** adventure sports, environment, Muriaé.

## Introdução

A partir da transição paradigmática, da modernidade para a pós-modernidade, surgem novas práticas esportivas, entre elas os esportes praticados na natureza. Trata-se de uma vertente esportiva que elegeu os diferentes ambientes naturais (terrestre, aéreo e aquático) como *lôcus* privilegiado para a sua manifestação (COICEIRO, 2007).

Nesse contexto, as diferentes modalidades de esporte de aventura surgem em decorrência de uma série de fatores no contexto social, como: racionalização do tempo, configuração atual do trabalho, necessidade de expressão e mudanças no ser humano, (re) encontro com o meio natural, prática física, contemplação, superação dos próprios limites, lazer, possibilidade de experimentar fortes emoções, prazer, liberdade, promoção da saúde e qualidade de vida (PAIXÃO, 2010).

Em meio ao incessante processo de urbanização, o homem (re) aproximou-se da natureza e, diante dela, percebeu possibilidades de concretizar o desejo de estabelecer uma relação complexa, constante e mutável, na qual envolvem os elementos corpo-espaco-natureza-mundo, e assim busca vivenciar seus sonhos de aventura (PASSOS, 2004).

Se por um lado pode-se lançar um olhar positivo em relação à interação homem- meio natural, por outro, esse processo merece atenção, pois o crescente surgimento de modalidades esportivas que utilizam o meio natural, associado ao aumento do número de praticantes e, em alguns casos, ao lucro, resultam numa maior exploração dos fatores ambientais (MAROUN; VIEIRA, 2004). O desenvolvimento desses “empreendimentos naturais” tem sido alvo de inúmeros questionamentos (VIEIRA, 2004). Outra situação percebida se encontra no fato de que a natureza veiculada pela mídia parece estar sendo vendida pelo mercado de imagens e pelas indústrias do entretenimento como um mito, reduzindo-se a cada dia em um símbolo de consumo a ser desbravado (MARINHO, 2007).

Apesar de o esporte de aventura apresentar-se como uma realidade em termos de prática física no cenário brasileiro, percebe-se que as discussões geradas ainda não contemplam em maior magnitude questões e implicações que a temática demanda. Em outras palavras, não se chegou ao nível de propostas que visem à sistematização das ações, estratégias e procedimentos a serem adotados por praticantes, empresas em termos de normas técnicas, autocuidado

com relação ao praticante, sua integridade física e com o meio natural, que possam contribuir efetivamente para o atendimento da crescente demanda que surge com o esporte de aventura e risco calculado na natureza.

Há que considerar as implicações decorrentes dessas atividades físicas no meio natural, pois usá-lo pode parecer conveniente e prazeroso, mas, sem os devidos cuidados, pode trazer sérios riscos de sua degradação.

Essas considerações fornecem elementos para se refletir acerca dos diferentes ambientes naturais que oportunizam a prática de esporte de aventura, bem como a forma como esses espaços são ocupados por praticantes, empresas especializadas e poder público local no fomento dessas práticas corporais.

Nessa perspectiva, o presente estudo objetivou analisar áreas naturais na região de Muriaé (MG), e a forma como são utilizadas para a prática de esporte de aventura.

## **I – Metodologia**

Para a realização deste estudo, empregou-se a metodologia observacional (THOMAS; NELSON, 2012), em que os pesquisadores, a partir do levantamento junto à Fundarte das áreas naturais localizadas na região de Muriaé e adjacências, optaram por aquelas que eram frequentadas por praticantes de modalidades de esporte de aventura. Os dados foram registrados em blocos de anotação e por máquina fotográfica das áreas selecionadas. Em alguns momentos, o pesquisador se fez valer de informações a partir de diálogos com moradores locais e praticantes que se encontravam no local. A coleta dos dados ficou dependente das condições climáticas adequadas, devido ao risco das localidades pesquisadas. Em períodos chuvosos, em que se sucedeu o trabalho de coleta de dados, o acesso nessas regiões naturais tornou-se difícil, por se tratar, em sua maioria, de áreas rurais.

1 A Fundarte (Fundação de Cultura e Artes de Muriaé) foi criada com o intuito de desenvolver a política cultural. É mantida pela Prefeitura Municipal, contando com a Lei Estadual de Incentivo a Cultura, que viabiliza a realização de diversos projetos e eventos relacionados com cultura, esporte, lazer, turismo e patrimônio artístico-cultural do município, sendo a principal fonte de informação sobre a localização e investimentos públicos das áreas pesquisadas, assim como sobre pessoas que poderiam auxiliar na pesquisa.

## II – Situando-se no espaço natural

Localizada na zona da Mata, a 220,71 km da capital mineira, a cidade de Muriaé apresenta uma população de aproximadamente 100.765 habitantes, numa área total de 841,692 km<sup>2</sup> (IBGE, 2010). Economicamente, a principal fonte de renda da região provém do setor terciário, com destaque a indústria da moda – confecção de vestuário e acessórios em geral. Assim, cercada por montanhas, a cidade, que compreende parte do Parque Estadual Serra do Brigadeiro (Maciço da Mantiqueira), este, encontra-se totalmente inserido na Zona da Mata mineira (ENGEVIX, 1995), proporciona a prática de variadas modalidades de esportes de aventura que é garantida pela considerável diversidade geográfica regional como, por exemplo, a Pedra de Santa Maria (Muriaé), a Pedra do Macuco (Distrito de Macuco), conhecida também por Campo Escola de Montanhismo, o Pico do Itajuru (Distrito de Belisário), Cachoeira da Usina da Fumaça (Muriaé) e Rampa de Vôo Livre Jacy Caetano (Distrito de Pirapanema).

A Pedra de Santa Maria fica, aproximadamente, a 3 km de Muriaé, é uma formação de paredão rochoso que pode ser avistada de vários pontos da cidade, com altitude de aproximadamente 530 m, em seu cume. É utilizada para práticas de escaladas e trilhas a pé, ao seu redor existem vários *boulders*, o que em outras palavras, significa um grande bloco de pedra arredondado ou desgastado pelo tempo (SILVA, *apud* MUNHOZ; GONÇALVES JUNIOR, 2004), que é utilizada para escalada sem equipamentos de segurança, neste caso, a segurança é feita por um colchão ou pelo próprio companheiro de atividade, estando este sempre posicionado abaixo do praticante, a uma distância segura, que irá suavizar uma possível queda. Na pedra, existem algumas vias de escalada com certo grau de dificuldade e necessita o uso de equipamentos específicos, podendo ter vias de até 190 metros de altura. Infelizmente, nas áreas dos *boulders*, podem-se encontrar pichações, lixos e detritos espalhados. Isso se deve a proximidade dessa área com a rodovia BR 356, o que, por sua vez, facilita o acesso das pessoas, mesmo as não praticantes de esportes de aventura, dentre as quais se encontram aquelas que não demonstram consciência preservacional com espaços naturais. Localiza-se em uma região de propriedade particular, fato esse que inviabiliza investimentos por parte de órgãos públicos locais.

- 1 NAZARI, 2004 apresenta o rapel como uma técnica e não uma modalidade, em que se realizam descidas de forma controlada utilizando cordas ou cabos. Sendo utilizado principalmente para a descida em escaladas, estudos espeleológicos (em cavernas) e em resgate em montanhas.



**FIGURA 1** Vista do alto da Pedra de Santa Maria



**FIGURA 2** Prática do *boulder* na Pedra de Santa Maria



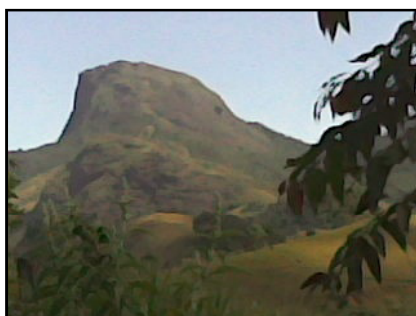
**FIGURA 3** Escalada na Pedra do Macuco

A Pedra do Macuco ou Campo Escola de Montanhismo, como é denominada pelos praticantes, localiza-se a aproximadamente 9 km da região central da cidade, também em área privada, cujo proprietário permite a prática freqüente, principalmente nos fins de semana. A preservação do local é feita pelos próprios praticantes que se mostram conscientes quanto à importância preservacional e, assim, procuram manter o local livre de lixo e depredações. A área é utilizada para escaladas, com vários graus de dificuldade, *rapel*<sup>1</sup> e *boulder*. Assim como ocorre na Pedra de Santa Maria, o proprietário não demonstra intenções lucrativas para com o local.

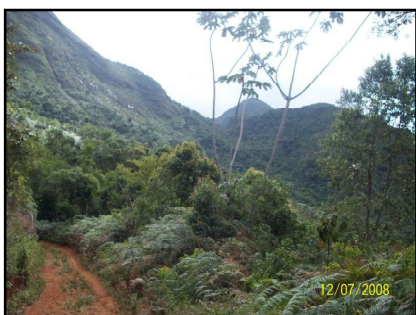
Localizado a 48 km da cidade de Muriaé, na ponta sul do Parque Estadual Serra do Brigadeiro, o Pico do Itajuru apresenta as condições ideais à prática do *trekking*<sup>1</sup>, com pequeno grau de dificuldade para se atingir o cume. Essa região natural apresenta uma infraestrutura diferenciada com pousadas, restaurantes, o Centro Multiuso, que fornece apoio ao turismo, à produção agrícola e à cultura da região, além de condutores de trilhas, constituídos em sua maioria, por moradores locais que fizeram cursos e se especializaram na condução de turistas por entre áreas da mata atlântica brasileira. Por fazer parte de um local de responsabilidade estadual, é possível perceber investimentos por parte de órgãos públicos.

A Cachoeira da Usina da Fumaça ou PCH-Coronel (PCH-Pequena Central Hidrelétrica), é um local muito procurado por banhistas no verão, período em que os praticantes de esportes de aventura se afastam um pouco da localidade, primeiramente, pelo volume excessivo de água da cachoeira, o que pode representar um risco maior, e, também pelo aumento do número de visitantes. Atualmente muitos praticantes deixaram de ir ao local devido a esse aumento de visitantes, como a prática não tem fins lucrativos, o excesso de pessoas na localidade torna a prática menos prazerosa, perde-se o contato com a natureza, mesmo estando afastado da cidade. Esses visitantes de “fim de semana” buscam

1 O Trekking define-se pelo ato de caminhar em trilhas, estradas, ou qualquer ambiente natural onde a única forma de deslocamento seja através das pernas (MARTINS apud FREITAS, 2010). “Ao ser absorvida pelo idioma inglês, o termo trekking passou a significar as longas caminhadas realizadas pelos desbravadores britânicos para o interior do continente africano. Posteriormente, estes desbravadores foram sendo substituídos pelos aventureiros, que buscavam desfrutar do contato com a natureza, em regiões de difícil acesso, atingidas após longas caminhadas” (IRON ADVENTURE apud FREITAS, 2010).



**FIGURA 4** Pico do Itajuru visto de Belisário



**FIGURA 5** Trilha para o cume do Pico do Itajuru



uma área para se refrescarem, levam suas bebidas, comidas e, em contrapartida, deixam muito lixo espalhado pelo local. Alguns praticantes ainda se preocupam, quando frequentam, porém a vazão de lixo no local é maior que a de pessoas conscientes quanto à preservação ambiental. A tranquilidade e o contato com o meio natural, que busca a maioria dos praticantes, ficam comprometidos.

Acima da maior queda, fica uma área muito utilizada para acampamentos, e mais apropriada para banhos, por possuir uma menor profundidade (3 metros). Seu caminho é considerado apropriado para o *trekking*, com certa facilidade, o caminho encontra-se bom, sem riscos de maiores acidentes. Porém, para se aumentar o nível de dificuldade, pode-se fazer o caminho do começo da estrada, onde existe uma parada de ônibus.

A rampa de vôo livre Jacy Caetano fica na Serra de Pirapanema, a 17 km do centro da cidade, com 906 metros de altitude. Apropriada para saltos de vôo livre em parapente e *trekking* subindo até o alto da rampa. É um descampado, coberto por pasto que vai desaparecendo à medida que os praticantes utilizam a rampa, com torres para sinal de rádio, biruta para verificar a velocidade ideal do vento para o salto. Para a construção da obra, houve apoio da Lei de incentivo à cultura e esporte do município, mas atualmente não existe investimento dos órgãos públicos no local, os praticantes utilizam-se do espaço e o mantêm sem fins lucrativos. De acordo com a turismóloga do município, não é fácil conseguir investimentos para o local, assim como os demais locais, por se encontrar em uma propriedade particular. Para aprender as técnicas de vôo, os praticantes desta modalidade buscaram cursos fora da cidade, e gostariam que o número aumentasse, porém sabem da dificuldade, principalmente financeira, que têm o vôo livre, mas contam com o apoio de praticantes de outras cidades da região. Podem-se encontrar placas com sinalização voltadas para a conscientização ambiental pela área, mas a manutenção e limpeza ficam por conta dos praticantes e visitantes. No alto da rampa, pode-se ter uma visão privilegiada das montanhas mineiras, e se podem avistar algumas cidades da região e de Muriaé, de onde originou o apelido dado à cidade de “jacaré”, devido ao formato que se apresenta em noites claras.

### III – Considerações finais

Foi possível apreender com a pesquisa que a prática de esportes de aventura, com ênfase para o rapel, *boulder*, parapente, *trekking* e escalada na região de Muriaé ainda se encontra isenta da obtenção de lucro pelas pessoas. Provavelmente, este fato se deve por se tratar de uma região que, ainda, não foi descoberta por praticantes e empresas que atuam nesse ramo de entretenimento, levando em consideração a proximidade das áreas pesquisadas



**FIGURA 6** Cachoeira da Usina da Fumaça



**FIGURA 7** Parte acima da principal queda d'água



**FIGURA 8** Atleta se preparando para o salto

com a cidade. Outro fator observado foi a ausência de esforços por parte de entidades da região em empreender o turismo ecológico nessas regiões, bem como a prática das modalidades de esporte de aventura que o relevo local proporciona. Por outro lado, tem-se preservado na extensão dos cenários naturais da região a figura do praticante desbravador em sua forma mais genuína.

Ainda que não prevaleça o interesse financeiro nessas práticas no meio natural, têm-se pequenos grupos de praticantes na região que buscam o apoio entre si visando, sobretudo, fortalecer o esporte na região. Praticantes estes que mantêm uma preocupação com a preservação ambiental visando à conservação dos locais para que as gerações futuras possam usufruir o direito ao lazer, a aventura, sensação de liberdade, prazer, entre outros aspectos que justificariam a prática dos esportes de aventura. Essa preocupação vem se mantendo como os pequenos grupos de “aventureiros”, que visam o mesmo objetivo. Em algumas localidades pode-se observar a presença de placas orientando quanto à preservação ambiental, mas infelizmente, não são todos que atendem as orientações, não somente por deixar lixo nos locais, como ainda por depredarem as estradas e cercados, por se tratarem de vias rurais, poucos se atentam para a conservação do ambiente tal como o encontraram.

## Referências

COICEIRO, G. A. (2007). **O imaginário social de aventureiros do extremo: o universo simbólico dos praticantes de provas de ultra-resistência.** 357 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco calculado na montanha: um mergulho no imaginário.** São Paulo: Manole, 2000.

ENGEVIX. **Caracterização do meio físico da área autorizada para criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro – Relatório técnico final dos estudos – 8296-RE-H4-003/94 “VER. 1”.** Instituto Estadual da Floresta, BIRD/PRÓ-FLORESTA/SEPLAN. 34 p. 1995.

FREITAS, D. R. **Trekking de regularidade: um olhar sobre a experiência do praticante.** 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Turismo) – Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2010.

IBGE – **Censo demográfico 2010 – agregado por setores censitários dos resultados do universo.** Documentação de arquivo digital, Rio de Janeiro: 2010.

MARINHO, A. (2007). Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. In: ALMEIDA, Ana P. C.; COSTA, L. P. Costa (orgs.). **Meio ambiente, esporte, lazer e turismo**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2007. p. 311-319.

MAROUN, K.; VIEIRA, V. (2007). Impactos ambientais positivos são possíveis nos esportes praticados em ambientes naturais? **Revista Digital - Buenos Aires**, v. 12, n. 108. 2007. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em 16 out. 2007.

MUNHOZ, J. F.; GONÇALVES JUNIOR, L. **Atividades físicas de aventura na natureza: trajetória na região de São Carlos**. In: III CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO AMERICANO UNIMEP/FIEP, 2004, Piracicaba. Anais, 2004.

NAZARI, J. Rapel: na perspectiva vertical. **Revista Digital – Buenos Aires**, v. 11, n. 106. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

PAIXÃO, J. A. **O instrutor de esporte de aventura no Brasil e os saberes necessários a sua atuação profissional**. 264 p. Tese (Doutorado em Ciências do desporto) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do Desporto. Universidade de Trás-os-Montes e Alto D’ouro, Vila Real, Portugal, 2010.

PASSOS, K. C. M. **Caminhando nas trilhas do reencantamento da natureza: uma ecologia do corpo sagrado e errante**. 403 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VIEIRA, V. **Desenvolvimento de um instrumento de identificação de impactos ambientais em práticas esportivas na natureza (impac-ambes)**. 281 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.